



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Bacharelado em Letras – Língua Portuguesa

Priscyla Dias Kowalczuk

A Revista do Brasil, O Presidente Negro e Negrinha: um estudo histórico-literário de Monteiro Lobato e suas diversidades

Brasília

2012

Priscyla Kowalczuk

A Revista do Brasil, O Presidente Negro e Negrinha: um estudo histórico-literário de Monteiro Lobato e suas diversidades

Monografia apresentada ao Departamento De Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura
Orientadora: Profa. Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo

Brasília
2012

Resumo

Antes de escrever *O Presidente Negro* ou *O Choque das Raças*, Monteiro Lobato participou do debate sobre Eugenia na década de 20. A presente monografia analisa a trajetória recente do escritor - os anos próximos à publicação de *O Presidente Negro* - a partir do estudo da *Revista do Brasil* e posteriormente segue um estudo histórico-literário e comparativo do romance *O Choque* e o conto *Negrinha* tendo como base a leitura e interpretação do estudo anterior.

Palavras-Chave: O Presidente Negro; Revista do Brasil; Negrinha.

Índice

Introdução.....	5
Capítulo I: Monteiro Lobato e a Revista do Brasil.....	6
Capítulo II: O Choque das Raças.....	12
Capítulo III: Negrinha e O Choque.....	21
Considerações Finais.....	29
Bibliografia.....	32

O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica. O ódio criou na América a glória do eugenismo humano.

O Choque - Monteiro Lobato

(1926)

Introdução

Antes de escrever *O Presidente Negro* ou *O Choque das Raças*, Monteiro Lobato participou do debate sobre Eugenia na década de 20. A presente monografia analisa a trajetória recente do escritor - os anos próximos à publicação de *O Presidente Negro* - a partir do estudo da *Revista do Brasil* e posteriormente segue um estudo histórico-literário e comparativo do romance *O Choque* e o conto *Negrinha* tendo como base a leitura e interpretação do estudo anterior.

Publicado em 1926, o romance *O Choque* tinha originalmente o subtítulo *romance americano do ano 2228* e foi escrito em pouco mais de duas semanas em forma de folhetim para o jornal carioca *A Manhã*. Recentemente o romance ganhou uma nova edição da Editora Globo, devido em parte à eleição do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Entretanto, no prefácio da nova edição do romance não há uma real reflexão sobre as questões raciais abordadas pelo autor, atendo-se à descrição de um Monteiro Lobato visionário que previu a eleição de um presidente negro.

Lobato era eugênico ou sua obra era eugenista? Como ele estava inserido no debate sobre Eugenia na década de 20? A partir da exposição dos antecedentes do romance é possível apresentar questões e possíveis chaves de leitura que iluminem aspectos do romance e sua interpretação. No Capítulo I esta monografia versará sobre a relação entre Monteiro Lobato e a *Revista do Brasil*, mostrando alguns de seus temas, tanto dos textos do Lobato como de outros publicados na Revista, em que quantidade o tema da Eugenia aparece e o que mudou na Revista após Lobato assumir a direção.

Posteriormente, no Capítulo II, será feita uma breve análise de *O Choque*, expondo os elementos presentes no mesmo que indiquem como se concretizaram no romance as ideias que Monteiro Lobato já vinha refletindo e escrevendo.

No Capítulo III, utilizando o arcabouço teórico dos capítulos anteriores, dá-se início ao estudo de uma comparação entre as ideias presentes no conto *Negrinha* e no romance *O Choque*, visando mostrar a visão do negro em ambos; também há importantes reflexões sobre quem foi de fato Lobato e suas possíveis intenções ao escrever o conto e o romance.

Por fim, em Considerações Finais, aborda-se a questão das supostas acusações de racismo em *Negrinha* defendidas pelo Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara) e faz-se uma crítica conclusiva ao ocorrido, oferecendo um desfecho para a situação.

Monteiro Lobato e a Revista do Brasil

Como se formava o movimento eugênico e a cultura brasileira em meados dos anos 20? Uma variedade de tendências e ideias germinava e tinha como denominador comum o problema de identidade no Brasil. Em sua adolescência, o país passava por uma efervescência de mudanças civis e sociais. Por volta de 1881, a questão da língua portuguesa já não era um obstáculo, e se podia dizer “sou brasileiro e falo português”. Pouco antes, em 1850, o médico francês Prosper Lucas escrevia o *Tratado filosófico e fisiológico da hereditariedade natural* em dois volumes, que exerceu influência considerável no século XIX e afirmava, dentre outros assuntos, que um filho de um alcoólatra, por exemplo, seria também um alcoólatra. Darwin utilizou a obra de Lucas como ponto de referência ao escrever sobre hereditariedade em sua obra *A Origem das Espécies*: “a melhor obra e mais completa que temos sobre o assunto é a do Dr. Prosper Lucas”. Francis Galton, baseando-se nos conceitos de seu primo Darwin, funda o conceito de *Eugenia* em 1883.

Pouco mais de três décadas depois de criado o termo *eugenia*, a *Revista do Brasil* era idealizada pelo grupo d’O Estado de São Paulo, formado por Julio de Mesquita, Plínio Barreto e Alfredo Pujol. À época, a criação do periódico deixava clara uma urgência: definir o Brasil, participar da construção da identidade brasileira; o objetivo era colocar em debate as necessidades do país. Segundo Venancio, a *Revista do Brasil* originalmente tinha o nome de *Cultura*, publicada pela primeira vez em 25 de janeiro de 1916, data do aniversário da fundação de São Paulo, mas passou a se chamar *Revista do Brasil*, combinando com o pano de fundo da época que vivia um momento de nacionalismo após a Primeira Grande Guerra.

Em abril de 1917, Schmidt escreve o texto intitulado *Nacionalismo*, publicado na *Revista do Brasil*, que descreve os interesses nacionais da época associados particularmente ao problema da imigração e o temor de que grupos ditos “raciais” desintegrassem o país em vez de unificá-lo; o autor chama os brasileiros descendentes de imigrantes de *hyphenados*, que se subentende ser no sentido de *acoplado*, pois

[...] esses brasileiros “hyphenados”, longe de cooperarem para o advento duma raça nova e forte, comprazem-se em criticar asperamente as nossas

*coisas, repudiam os ideaes nacionais, e só reclamam a sua qualidade de cidadãos brasileiros quando surgem conveniencias positivas [...]*¹

No texto, Schmidt defende que nações novas como o Brasil deveriam ser melhoradas a partir de uma imigração escolhida e critica a postura do país por não cuidar do imigrante, nas palavras dele: “Deixamo-lo segregado, isto é, deixamo-lo entregue a si mesmo, não cuidamos que ele aprenda a nossa língua e a nossa historia, a nossa geographia”. O autor não deixa de fazer uma comparação com os Estados Unidos, referindo-o como “republica irmã”, e que segundo ele sofria um processo intenso de “Americanização” devido graças a atitudes de ação, não apenas palavras.

Apesar do renome adquirido, a *Revista do Brasil* passou por prejuízos financeiros e aceitou a oferta de compra de Monteiro Lobato, que assume a revista em maio de 1918, oito anos antes da publicação de *O Choque*, e a dirige a maio de 1925. Segundo Luca, antes de assumir a *Revista do Brasil* Lobato já sonhava em ter um jornal ou revista: “está me ganhando um azedume que só terá esgotos em jornal próprio. Acabo montando um, ou uma revista, na qual só eu mande e desmande” (LOBATO, J.B.M., 1959^a, v.2, p.24). Lobato tinha, então, uma eficiente ferramenta para informar a população sobre assuntos diversos, destacando-se entre eles a eugenia.

Em 1914, Lobato escreve uma carta intitulada Velha Praga ao jornal O Estado de São Paulo como uma forma de crítica às queimadas e à vida do trabalhador caboclo; no mesmo ano escreve o conto Urupês, onde se materializa a figura do personagem Jeca Tatu com base no caboclo. O impacto dos dois textos no público torna Lobato mais reconhecido pela imprensa do século XX, e já no ano seguinte passa a trabalhar no jornal O Estado de São Paulo. Mais tarde, em 1918, Velha Praga e Urupês passam a integrar o livro Urupês; Lobato, em sua trajetória até o lançamento de *O Choque*, tornou-se um escritor de renome e demonstrou ao longo se sua vida uma preocupação latente com os rumos do país, tendo como um dos objetivos principais lançar o Brasil na direção do progresso; tal fato explica sua relação antiga com a *Revista do Brasil*, mesmo antes de assumi-la. Segundo Luca,

Enquanto a celeuma em torno do Jeca crescia, Lobato acompanhava de perto a organização da Revista do Brasil, da qual se tornaria um dos colaboradores mais assíduos – ele figurou em quinze dos 29 volumes publicados antes de adquiri-la. Em razão dos laços de amizade que o

¹ P.64

ligavam a Pinheiro Júnior e Plínio Barreto, dispunha de considerável grau de influência no periódico, como atesta a publicação do romance de Godofredo Rangel, Vida Ociosa, que só ocorreu graças ao seu empenho. (LUCA; TANIA, 1999, p. 63)

O debate sobre a relação entre ciência e sociedade e entre eugenia e Brasil era forte nos anos 1910 a 1920. Pouco antes de Lobato assumir a direção da revista, o texto intitulado *Eugenia*, de Barreto, era publicado na parte do periódico intitulada *Resenha do Mez*:

Eugenia é a sciencia recentíssima, de origem inglesa, que tem por objecto o aperfeiçoamento physico e moral da especie humana. Foi Galton o seu fundador em 1865. Herbert Spenceer, commentando e apoiando essa fundação, assignala o estranha facto do pouco caso, que se liga a esse aperfeiçoamento mesmo nos paizes mais civilizados, quando por toda a parte a mais entusiasticaimportancia é dada á selecção para o melhoramento das raças animaes. “Parece estranho, diz ele, que emquanto a criação de novilhos puros é uma occupação em que homens illustresfacilmente empregam muito tempo e muitas idéas, a criação de belos sêres humanos seja uma occupação, que tacitamente se considera indigna de sua atenção [...] Podemos e devemos saudar com emphase a fundação da nossa Sociedade Eugénica.”²

Tanto Lobato quanto Barreto compartilhavam o mesmo pensamento na época: a ideia eugênica de que seres humanos se ocupassem em criar não só animais ditos “puros”, mas também pessoas. Não surpreende que Lobato, após assumir a revista, continuasse propagando as ideias eugênicas da época nos periódicos; a revista continuou com o mesmo formato, porém o que era publicado ou não dependia de Lobato. Devido aos novos investimentos e uma atividade editorial intensa graças a Lobato, a revista passou a se tornar um meio de comunicação ainda mais importante no país, contando com a colaboração de diversos intelectuais e almejada por escritores.

Nesse sentido, há que se estabelecer o que era a eugenia na década de 20 no Brasil, a que estava vinculada e quais eram os seus pontos de contato na revista. Schmidt, em *Assimilação do Imigrante*, deixa claro que antes que se vise à assimilação do imigrante, o caráter do indivíduo deverá ser cuidado, começando por estabelecer uma

² BARRETO, L. P. *Eugenia*, p.115, mar. 1918

política de saneamento: “Será em vão edificar sobre outra base. Salvas as naturaes e honrosas excepções, temos que começar por uma obra de saneamento”. Diferente da eugenia nos Estados Unidos, a eugenia no Brasil esteve fortemente ligada à política de saneamento. Na edição de março de 1918 da *Revista do Brasil*, Lobato publica um de seus textos intitulado *O Saneamento no Brasil*, no qual cita as doenças endêmicas da época, a mortalidade infantil e a bebida alcóolica – cachaça -, todas, segundo Lobato, “mazellas sertanejas”, o que descreve o já conhecido modelo caipira da figura Jeca Tatu e sua doença, o amarelão. A sífilis, segundo Lobato, era combatida nas cidades por meio de medicação específica, mas no sertão, com suas curas de “micagens”, o resultado era diferente:

[...] mas no sertão [...] quem lida com ella é o negro velho ignorantissimo, quando não é o pharmacopola extravagantemente pitoresco do pica-fumo “curador”. O treponema pallido⁴, affeito a lutar com o mercurio e os arsenicaesterriveis, ri-se das micagens, e rezas, e burundangas, e picumans, e jasmims de cachorros dos ingenuos Eusebios Macarios de barba rala.³

A eugenia no Brasil visava transformar o Jeca Tatu, símbolo da indolência, em vitalidade, graças ao extermínio das doenças endêmicas evitáveis no país, que na época eram responsabilizadas por gerar um povo subnutrido e sem força de trabalho. No mesmo texto citado anteriormente, Lobato refere-se às mulheres rurais brasileiras como “puras machinas de procriar”⁴ e que enquanto “Os homens mingoam de corpo, as mulheres são uns rastolhinho rachitico incapaz de bem desempenhar sequer a missão reproductora”⁵. Cabe entender que criticar populações rurais como um todo não era o intuito de Lobato, mas denunciar os problemas da população rural brasileira e o descaso do governo com a saúde pública; Lobato⁶ acreditava que as populações rurais representavam na maioria dos países o cerne das nacionalidades e urgia por um sanitarismo nos moldes dos Estados Unidos a ser implantado no Brasil. No trecho seguinte, Lobato refere-se à importância da população rural para um país:

³ P.303

⁴ P.303

⁵ P.304

⁶ LOBATO, Monteiro. *O Saneamento do Brasil*. Revista do Brasil, São Paulo, 1918.

“[...] enrijados pela vida sadia ao ar livre, os camponeses, pela sua robustez e pela sua saude, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são a garantia biológica dos grupos ethnicos [...] pela saudephysica, elles mantêm em alta o indicebiologico da raça [...] Entre nós é possível pedir á roça o sangue revitalizador? Não [...]Está ahí Cuba, desgraçada ilha degradada em rapida consumpção por malestiasirmans das nossas, e que, em poucos anos, ao influxo da hygiene norte-americana, virou a maravilha que todos sabemos.”⁷

O Brasil, em plena transformação na década de 20, trouxe acoplado a si as ideias eugênicas moldadas às suas necessidades. O movimento eugênico no Brasil era caracterizado pela diversidade: esteve vinculado à educação higiênica, à saúde pública, ao nacionalismo, ao progresso do país. O “sangue forte” também representava a capacidade do indivíduo de ter vigor físico e gerar bons caracteres; definir a “raça” brasileira era uma necessidade latente e caminhava junto ao nacionalismo. Surgiram várias teorias racialistas no Brasil. Por ser um país multirracial e de clima tropical, uma parte das teorias acreditava que esse era o motivo do fracasso do país, adotando-se critérios puramente raciais, como a teoria de Gobineau. Por outro lado e representando outras teorias, Belisario, em um texto publicado na *Revista do Brasil* questiona o papel da mestiçagem na situação do Brasil:

Nemum, nem outra allegação tem fundamento nos factos e na sciencia. Nem inferior a raça, nem inhospito o clima. A nossa raça, que é uma mistura de raças, ainda não está definida em um tyocaracteristico [...] o sangue, quando puro, isto é não contaminado de parasitas, de toxinas e venenos [...] é que eugeniza a especie e revigora a raça.”⁸

Além de abrigar os textos de Belisario, médico eugenista da época, a revista também contava com os textos de Renato Kehl, também médico, amigo de Lobato, e uma figura bastante reconhecida no movimento eugênico Brasileiro. Em um de seus textos publicados na revista, *O casamento consanguíneo em face da eugenia*, Kehl critica a proposta de mudança do artigo 183 do Código Civil que impede o casamento entre tio e sobrinha ou sobrinho e tia. Em outro texto, *Como escolher um bom marido?*, Kehl pontua a importância do casamento visando os genes do futuro marido: livre de

⁷ P. 304 e p. 305

⁸ Pequenos Cuidados Hygienicos, p. 5

qualquer male, “taras” transmissíveis ou caracteres degenerativos; para isso, Kehl incentiva que as mulheres escolham um bom marido sob o ponto de vista eugênico através de um exame médico “ultra-nupcial”, onde o médico dará a licença para o casamento, assim evitando-se os males citados.

Em 1918 era criada a Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada por Kehl, e em 1929 ocorre o primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia no Rio de Janeiro, que abordou, dentre outras ideias, a proibição de imigrantes que não fossem de cor branca; a proposta foi rejeitada, mas com 20 votos contra 17. De fato, o pensamento da época acreditava que o Brasil poderia ser branqueado aos poucos, baseado em um pensamento de superioridade racial. Almeida, em *A Seleccção Humana*, confirma essa tese:

*Os homens estão divididos em tres raças: brancos, negros e amarelos. Para Richet, a superioridade da raça branca sobre as duas outras não soffre duvida. Nunca as raças amarella e negra concorreram de modo eficaz para o grande esforço civilisadora humanidade [...] A inteligencia dos negros é pueril.*⁹

Diante das peculiaridades da eugenia no Brasil, acompanhando o momento de uma procura por identidade nacional, a *Revista do Brasil* acolheu formas diferentes de discursos eugênicos ao longo de suas publicações, desde teorias sanitaristas, como as de Belisario, que focavam no sanitarismo para melhorar a raça e “purificar o sangue”, como as teorias de Almeida, vinculada à eugenia que pregava a superioridade de raças; a própria revista, no editorial de março, deixa o recado alegando que “Sempre se apoiou no público, nunca esteve aliciada a governos, gozou e deu aos seus colaboradores a mais ampla liberdade de opiniões”¹⁰. Todas as formas de eugenia, entretanto, tinham um objetivo em comum: trazer o progresso ao país.

⁹ P. 5

¹⁰ Wilson Martins, p. 290

O Choque das Raças

Narrado em 1ª pessoa pelo personagem Ayrton, *O Choque das Raças* é a história de um brasileiro do Rio de Janeiro, Ayrton, ex-viciado em jogatinas, trabalhador pouco qualificado da empresa *Sá, Pato & Cia*, que com o salário pagava apenas suas necessidades básicas. O sonho de Ayrton era comprar um automóvel Ford. Quando finalmente consegue comprá-lo, dirige durante uma viagem a negócios e sofre um acidente de carro; sem saber, é resgatado por um dos empregados do professor Benson, figura misteriosa entre a população, passando a se recuperar no misterioso castelo longe da cidade - a casa de Benson e sua filha, Miss Jane. Ayrton conta sobre sua vida medíocre a Benson e clama por qualquer emprego que o professor possa oferecer dentro de sua casa. Benson aceita Ayrton no emprego de “confidente”, e a partir disso o romance se desenvolve com Ayrton aprendendo sobre a máquina que prevê o futuro, chamada “porviroscópio”, e o futuro no ano de 2228, ano em que ocorre a competição pela presidência dos Estados Unidos entre um candidato negro, um branco e uma mulher.

Ao que indica, o romance foi direcionado a um público não elitizado, pois utiliza exemplos mais acessíveis e aproxima o leitor do personagem Ayrton, que além de representar a classe econômica mais pobre, pela primeira vez na vida passa a refletir sobre ideias profundas após conhecer o professor Benson. A leitura é de fácil assimilação, o enredo é simples e os personagens são pouco trabalhados de um ponto de vista psicológico, como se todos fossem coadjuvantes do verdadeiro personagem principal do romance: as ideias eugênicas que Lobato desejava passar, todas de um modo didático. Pelo personagem Ayrton, Lobato mostra o estereótipo do brasileiro com pouco estudo; pela personagem Miss Jane, Lobato expõe a suprema superioridade racial ariana, física pelas qualidades da personagem e psicologicamente pelas teorias eugenistas; pelo personagem Benson, descendente de norte-americano, Lobato expõe uma figura inteligente, conhecedora da verdade, honesta e moral, comparando-o a Deus em alguns trechos.

A primeira edição do romance foi lançada em 1926; duas décadas depois, a segunda edição era lançada. A partir da leitura do prefácio de três edições do romance em anos distintos, 1948, 1979 e 2008, é possível entender como a visão sobre eugenia mudou ao longo dos anos. No prefácio da edição de *A Onda Verde e o Presidente*

Negro, de 1948, a editora Brasiliense exalta Lobato e seu romance, elogia a eugenia abordada pelo autor e retifica que o romance continua atual:

[...] Lobato é sempre Lobato. Em tudo quanto escreveu jamais mentiu a si mesmo – e nisto reside o seu maior valor. Não se falsifica, não escreve para agradar A ou B, e sim, unicamente, para dizer o que pensa – e com toda clareza e crueza. O volume completa-se com “O Presidente Negro”, uma fantasia visionária do futuro, na qual a eugenia recebe todas as honras. A cena passa-se nos Estados Unidos, que então muito impressionavam Monteiro Lobato e para onde, em consequência desse livro, passou a residir durante quasi cinco anos...E temos que notar uma sua confissão depois que voltou: “Nada tenho a alterar no “Choque das raças”. A America que lá pintei está absolutamente de acordo com a America (Estados Unidos) que fui encontrar”.

O prefácio da edição de 1948 já não condiz com as ideias do prefácio da edição de 1979, também da editora Brasiliense; três décadas depois, o discurso havia mudado e a editora descreve o romance como uma “curiosidade literária”, citando a eugenia já sem elogiá-la e vista pelo autor como o “concerto do mundo”:

Este romance [...] constitui uma verdadeira curiosidade literária. Embora aparentemente uma “brincadeira de talento”, encerra um quadro do que realmente seria o mundo de amanhã, se fosse Lobato o reformador — e em muitos pontos havemos de concordar que sob aparências brincalhonas brilha um pensamento de grande penetração psicológica e social. O concerto do mundo pela eugenia, o ajuste do casamento por meio das “ferias conjugais”, a criação da cidade de Eropolis, o teatro onírico... Como H. G. Wells, Monteiro Lobato talvez não tenha imaginado coisas, e sim apenas antecipado coisas.

Se há uma palavra que as três edições utilizam ao descrever Lobato, é visionário. A editora Globo, em 2008, no prefácio da edição, esquivou-se de usar a palavra “eugenia” e apenas faz referência à “segregação entre brancos e negros” entre os assuntos abordados no prefácio, com foco na disputa entre os presidentes negro e branco. O intuito da editora Globo, longe de querer polemizar algo, era o de aproximar o romance da atualidade devido à eleição do presidente Barack Obama e continuar mantendo a imagem de Lobato como um autor visionário e à frente de seu tempo.

O projeto eugênico de Lobato ganha vida na literatura com o lançamento do romance. O romance, de poucas páginas, tem cada capítulo cuidadosamente pincelado para que representasse fielmente os ideais eugênicos que o autor tanto propagou na *Revista do Brasil* e ao longo de sua vida. A ideia de que existissem leis para que casais se reproduzissem, presente nas ideias¹¹ de Renato Kehl postados na revista e também um desejo de Lobato, foi abordada também em *O Choque*. O desejo de Lobato, apesar de não se estender para a realidade na época, não o impediu de concretizá-lo na literatura através do “Ministério da Seleção Artificial” e da “Lei Owen”. Em uma conversa entre Miss Jane e Ayrton, o processo de melhoramento da raça é explicado:

O grande Ministerio, o verdadeiro fator da espantosa transformação sofrida pelo povo americano [...] O numero dos mal-formados no fisico desceu a proporções. mínimas — sobretudo depois do resurgimento da sabia lei espartana. — A que matava no nascedouro as crianças defeituosas? exclamei arrepiado. Tiveram eles a coragem de fazer isso? —Se o senhor Ayrton visse, como eu vi, o resultado dessa e de outras leis semelhantes, só se admiraria da estupidez do homem em retardar por tanto tempo a adoção de normas tão fecundas [...] A lei espartana reduziu praticamente a zero o numero dos desgraçados por defeito fisico.¹²

Ainda assim, Ayrton pontua que sobrariam os desgraçados por defeito mental. Nesse caso, Lobato acha outra solução: seriam impedidos de se reproduzirem pela “Lei Owen”, de acordo com Walter Owen, autor do livro *O Direito de Procriar*. Para entrar em consenso com Owen, Lobato mais uma vez expressa sua visão na mesma natureza de Galton no que se refere ao melhoramento da raça, posicionando-se igualmente ao eugenista quando compara reprodução humana a animal no romance:

A lei Owen [...], promoveu a esterilização dostarados, dos mal-formados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má progenie o futuro da especie [...] Os admiraveis processos hoje em emprego na criação dos belos cavalospuro-sangue passaram a reger a criação do homem na America [...]

¹¹ *O Casamento consanguíneo em face da Eugenia*

¹² *O Presidente Negro*. Editora brasiliense, 13ª edição, 1979, p.75

O esporte começou a ser amplamente divulgado pela imprensa do século XX; não raro, era assunto trivial na *Revista do Brasil*, que incentivava a prática. Segundo Wilson Martins,

*[...] a higidez e a higiene, ideias e aspirações coletivas, a quem não tinham sido estranhos, como fonte e resultado, os trabalhos e de modernização e saneamento da capital da república, estavam também popularizando os exercícios físicos e as competições esportivas [...] o vigor físico era a forma por assim dizer concreta e sensível do nacionalismo [...] O herói atlético e sadio será, dentro em pouco, uma das figuras prediletas da ficção modernista, a começar por Oswald de Andrade.*¹³

Apesar de Lobato se posicionar de forma diferenciada dos modernistas da época, participou ativamente dos temas influentes modernos de seu tempo, como a campanha pelo saneamento, e, por consequência, o incentivo ao esporte. Em *O Choque*, o autor expressa sua esperança no esporte para que as mulheres tenham um físico homogêneo, livre de singularidades, e alcancem seu tão esperado nível satisfatório eugênico:

*As mulheres não mais evocavam fisicamente as suas avós, magras umas, outras gordas, esta toda nadegas, aquela uma tabua ou de normas seios e dentes de cavalo — verdadeira coleção de monstruosidades anatômicas [...] Finas sem magreza, ageis sem macaquice, treinadas de músculos por meio de sábios esportes, conseguiram alcançar a beleza nervosa das eguas puro-sangue.*¹⁴

No capítulo IV, quando Ayrton conhece Miss Jane, faz-se uma descrição física da personagem oposta ao que Lobato utilizou no trecho anterior:

*Mas cabelos louros como aqueles, olhos azues como aqueles, esbelteza e elegancia de porte como as de miss Jane, eram ingredientes fortes demais para que não produzissem a ruptura do meu equilíbrio nervoso.*¹⁵

Nesse trecho Lobato deixa claro sua eugenia ligada tanto à superioridade racial quanto ao sanitarismo; o autor não apenas liga a personagem à saúde e à robustez - que tanto abordou em seu texto *O Saneamento no Brasil* abordado no capítulo I- ao citar a

¹³ P.28

¹⁴ P.92

¹⁵ P. 22

elegância de porte de Miss Jane, como também cita caracteres especialmente ligados ao que o autor considerava superioridade da raça: cabelos louros e olhos azuis, padrões de beleza a serem seguidos.

A questão da imigração foi outro assunto amplamente abordado no romance, condizendo com as ideias da *Revista do Brasil*. Almeida, em *A Seleção Humana*, texto publicado na *Revista do Brasil* na época em que Lobato dirigia a revista, é radical quanto a qualquer tipo de mestiçagem. Segundo Almeida,

*Na seleção humana deve-se ter, pois, como insophismavel, um primeiro principio: O afastamento systematico das raças inferiores pela prohibição severa de qualquer de qualquer união entre brancos e amarelos ou negros.*¹⁶

Tanto Almeida quanto Lobato concordam quanto ao perigo de determinadas “raças” quanto às “impurezas” que podem provocar. Durante um capítulo de *O Choque*, Miss Jane fala para Ayrton sobre o futuro de alguns países com base na imigração que sofreram; segundo Jane, o *porviroscópio* mostrou no ano de 3.527 que o povo mongol havia adentrado a Europa e substituído a raça branca e que “o amarelo vencerá o branco europeu por comer menos e proliferar mais”. Jane explica que apenas o branco norte americano se salvará dessa absorção de uma raça pela outra.

Lobato estendeu sua perene admiração pelos Estados Unidos para o seu romance, tecendo de modo sistemático a explicação para o sucesso do estado americano, usando-o como ponto de referência para sanar os problemas do Brasil. Miss Jane, no romance, liga o sucesso dos Estados Unidos ao tipo de povo que o colonizou, descrito como um povo de “caracteres shakespearianos” e de convicções fortes:

A um povo que tenta romper com o álcool acha sem ideias? [...] é o unico povo idealista que floresce hoje no mundo [...] que é a America, senão a feliz zona que desde o inicio atraiu os elementos mais eugenicos das melhores raças europeias? [...] Os primeiros colonos, quais foram eles? A gente do Mayflower¹⁷, quem era ela? Homens de tal tempera, caracteres shakespearianos, que entre abjurar das convicções e emigrar para o deserto,

¹⁶ P.5

¹⁷ O Mayflower foi um navio que em 1620 transportou 102 ingleses peregrinos, incluindo um grande grupo de puritanos Separatistas, do porto de Southampton, Inglaterra, para o chamado Novo Mundo. Os peregrinos do Mayflower foram os primeiros colonos a se estabelecer nos Estados Unidos, chegando ao Cabo Cod, atual Estado de Massachusetts.

*para a terra vazia e selvagem onde tudo era inhospitalidade e dureza, não vacilaram um segundo.*¹⁸

Politicamente eram claras as inclinações de Lobato para o moderno e industrial; ao mesmo tempo em que era nacionalista, também adotou o modelo norte-americano para sanar os problemas do Brasil e seguiu o lado contrário aos ideais que ele considerava “utópicos” na época, preferindo o “realismo e a experiência prática de Ford”¹⁹. Miss Jane afirma que “Ford provou que não ha hostilidade entre o capital e o trabalho e sim mal-entendido”²⁰ já que sua realização passou a ser “a mais harmonizada das associações”; era exatamente esse modelo norte-americano que impedia o “asiatismo invasor” nos Estados Unidos, completa Jane. Esse lado mais realista e prático também esteve presente na literatura com Jeca Tatu, pois Lobato “desromantizou” Jeca ao mostrar a realidade sem escrúpulos do personagem com o intuito de incentivar mudanças essenciais no país.

Considerando essas questões, uma reflexão de Wilson Martins sobre *O Choque*, em *História da Inteligência Brasileira*, merece destaque, ao afirmar que foram os seguintes temas que Lobato resolveu abordar no romance:

Mas como explicar a contradição entre o espírito aberto pressuposto pela sociedade industrial e o preconceito racista, então muito mais militante e virulento do que em nossos dias? Como conciliar essa civilização à primeira vista masculina e viril com as evidentes e inegáveis estruturas matriarcais, o famoso momism,²¹ cuja simples menção parece irritar os norte-americanos? Se o racismo, ainda hoje, está longe de haver desaparecido, o momism hipostasiou-se nos recentes movimentos de liberação feminina, que é a forma psicanalítica de impor-lhe a legitimidade à luz do dia²²

De fato, essa também era uma proposta do romance: unir determinados temas que aparentemente se contradizem e muni-los de sentido no cenário da conjuntura da década de 20. Por um lado, não era uma missão difícil, já que o tema eugenia e racismo era comum na época e vinha por vezes aglutinado ao progresso do país. Por outro lado, o negro começava a ganhar espaço e a ter importância, como na literatura de Gilberto

¹⁸ P. 66

¹⁹ Wilson Martins, p.386

²⁰ P.70

²¹ O *momism* foi um termo cunhado pelo autor Philip Wylie para explicar como o excesso de sentimentalismo e simplificação poderia deteriorar a democracia americana.

²² Wilson Martins, p. 386

Freyre em *Casa Grande e Senzala*, escrita na década de 30, que passeia na miscigenação, indo contra a ideia de raça inferior e colocando o negro como civilizador e importante para a formação do país. Além disso, o Modernismo Brasileiro, apesar de suas várias nuances, tinha agregado um espírito de liberdade de expressão que não combinava com oprimir outras “raças” e também o espírito do novo, que urgia pelo desapego de determinadas tradições.

Ayrton acredita que a entrada do negro tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil havia sido um erro, mas que o Brasil se salvara a tempo porque sofreria um processo de branqueamento. Jane, no entanto, interfere Ayrton e diz que no Brasil essa solução trouxe resultados ruins: “Estragou duas raças, fundindo-as. O negro perdeu suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter”²³; o mesmo caso não se aplica aos Estados Unidos: as duas raças mantiveram-se puras, pois se separaram dentro do mesmo território e desenvolveram uma barreira de ódio. Foi esse ódio, ou esse “orgulho”, confirma Jane, que criou na América “a glória do eugenismo humano”²⁴.

Lobato, em *O Choque*, não apenas aborda essa contradição entre o “espírito aberto pressuposto pela sociedade industrial” e o racismo agudo, como também tentou aliar a contradição a uma solução polêmica mesmo para a época: exterminar a raça negra. Essa seria a única solução viável para acabar com o choque das raças e a discriminação racial. No romance, aparece parte dessa solução ainda antes das eleições para o presidente dos Estados Unidos:

*A ciencia havia resolvido o caso de côr pela destruição do pigmento. De modo que se Jim Roy aparecesse diante de nós hoje, surpreenderia da maneira mais desconcertante, visto como esse negro de raça puríssima, sem uma só gota de sangue branco nas veias, era, apesar de ter o cabelo carapinha, horripelmente esbranquiçado.*²⁵

O porviroscópio indica que as eleições para presidência nos Estados Unidos ocorrem no ano de 2228. Lobato divide a disputa entre o Partido Feminino, Masculino e negro. Representando o Partido Feminino, miss Evelyn Astor é uma figura que Lobato tentou conciliar com a civilização “masculina e viril” citada por Martins, em detrimento do

²³ P.70

²⁴ P.71

²⁵ P.80

crescente *momism*. A conciliação de Lobato é simples: Astor, feminista convicta na visão do autor, rende-se e abdica do feminismo para se juntar ao presidente do Partido Masculino. Similar a Jane, Astor é descrita com uma inteligência que é necessariamente aliada à beleza física. Porém, a inteligência para Lobato deve ser aliada à eugenia; tal fato explica o porquê de Lobato repudiar o feminismo: não condizia com os ideais eugênicos, já que a mulher para a eugenia tinha um dever maternal, a função “nobre” da maternidade, e segundo Kehl, “as mulheres, mais que aos homens, cabe o papel de defensora da raça que habitará a nossa grande pátria”²⁶. No enredo, Lobato aproveita para fazer uma dura crítica ao feminismo, colocando-o como um movimento falho e o aproximando da misandria, ou seja, o feminismo era um movimento de ódio aos homens.

Por outro lado, o presidente branco Kerlog representava o Partido Masculino, fruto de uma junção entre os partidos Democráticos e Republicanos. Kerlog se vê ameaçado pela cisão entre homens e mulheres, temendo que Jim Roy vencesse. Os negros queriam a repartição do país, solução não aceita pelos brancos. Kerlog queria os votos negros na eleição em troca de mudanças nas leis da seleção artificial e o rigor excessivo da lei Owen. Jim Roy, o presidente negro, acaba vencendo as eleições; porém, antes de assumir, sofre um golpe dos brancos: a lei Owen era alterada para esterilizar não apenas os “tarados”, mas também os negros. O golpe vinha da “moção Leland”, decidida pela “Suprema Convenção da Raça”: através de uma nova fórmula de Dudley, os negros tinham seu suposto ideal realizado, pois os cabelos eram “desencarapinhados” por um milagre; ao mesmo tempo, e sem saber, eram esterilizados pela ação dos raios Omega:

Tua raça foi vítima do que chamarás a traição do branco e do que chamarei as razões do branco [...] Tua raça morreu, Jim. – repetiu Kerlog [...] —“Os raios Omega!” exclamou afinal num clarão, agarrando os braços de Kerlog com os dedos crisapdos. —“Sim”, confirmou Kerlog. “Os raios de John Dudley possuem virtude dupla... Ao mesmo tempo que alisam os cabelos...” [...] “... esterilizam o homem.”²⁷

Essa foi, portanto, a solução definitiva que Lobato deu para resolver o problema das raças nos Estados Unidos: nem dividir o país, nem expatriar os negros; a esterilização compulsória tornou praticamente toda a população negra incapaz de procriar.

²⁶ KEHL, Renato. Como escolher um bom marido? Revista do Brasil, maio – agosto de 1923, p.382

²⁷ P.163

Entendendo todo o ideal eugênico de Lobato em termos físicos e mentais, em um primeiro momento o leitor pode ficar surpreso ao saber que o enredo termina com Ayrton e Miss Jane juntos. Ayrton, um típico brasileiro miscigenado, em nada combina no que condiz a aspectos físicos eugênicos. Sua pele é descrita como parecida com a de Jim Roy após sofrer o “esbranquiçamento”, também chamada por Ayrton como “barata descascada”²⁸. A decisão de Lobato em manter Ayrton e Jane juntos pode ser entendida via dois importantes aspectos: o primeiro é o aspecto eugênico mental que Ayrton desenvolve ao longo do romance, tornando-se mentalmente superior e sendo aceito por Jane; o segundo aspecto é o exemplo que Lobato desejava com certa urgência que os brasileiros seguissem, instigando-os a procurarem características físicas como as de Jane, mesmo que para isso não se formasse um casal aceito pelos padrões da seleção artificial.

Não há dúvidas de que *O Choque* foi um romance eugênico, escrito por um autor que não se limitou apenas a falar sobre eugenia, mas propagá-la. Prova de tal afirmação foi o estudo do cultivo das ideias do autor duas décadas antes, que mais tarde se concretizaram em um verdadeiro projeto eugênico didático presente no enredo. A todas essas nuances forma-se um romance que, apesar de singular para a época, inseria diversas bandeiras levantadas de acordo com as tendências dessa mesma época.

²⁸ P.81

Negrinha e O Choque

Na mesma década em que *O Choque* era publicado, seis anos antes ocorria a tiragem da primeira edição do livro *Negrinha*, em 1920. O conto *Negrinha* (1920) faz parte da primeira edição do livro *Negrinha*, de autoria de Lobato, sendo anterior ao romance *O Choque* (1926). Sob um ponto de vista, fica claro que Lobato usou formas diferentes de tratar o negro quando as duas obras são comparadas. Se por um lado Lobato usa de toda sua vivacidade para propagar as correntes eugênicas em *O Choque* e o negro tem um final pouco feliz e a superioridade racial é coerente e aceita, por outro lado, no conto *Negrinha*, é inevitável não perceber uma vivaz crítica ao modelo como o escravo negro era tratado após a abolição da escravatura, tornando o próprio conto uma literatura antirracista.

A história de *Negrinha* causa comoção. Órfã de uma mãe negra escravizada, a menina de sete anos, apelidada de Negrinha, vive em condições desumanas na casa de uma senhora “Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu”. Ao mesmo tempo essa senhora, Dona Inácia, cria Negrinha de forma que a torne um ser não vivo, sem desejos ou vontades de qualquer tipo, colocando-a basicamente provida de apenas um direito: fingir-se de inexistente. Feito isso, Negrinha não podia chorar, pedir e nem mostrar querer algo, e, não raro, era vítima de agressões apenas por existir, já que dona Inácia não perdia uma chance de descontar suas insatisfações com a própria vida em Negrinha. Dona Inácia representa a figura que mantém o negro ainda escravo, perpetuando o regime escravocrata anos após a abolição.

Ao abordar a precária situação do negro no conto, Lobato fornece uma visibilidade diferente à época, pois o negro ainda era uma figura pouco reconhecida na literatura e na sociedade no começo do século XX; a população negra tinha pouca voz como recém- libertada da escravatura, seguia o mesmo padrão de vida de antes e sua luta por espaço continuava. O livro *Negrinha* foi, portanto, importante para o reconhecimento do negro na década de vinte, além de fazer parte do enorme movimento editorial da época e estar entre os livros de literatura de maior tiragem. A *Revista do Brasil* transcreveu um trecho d’ *O Estado de São Paulo* no qual se registrava a existência de cerca de vinte casas editoras, com uma tiragem total de 203 títulos e 901

000 exemplares. Wilson Martins faz um quadro²⁹ com as tiragens de alguns dos títulos que saíram na época, de acordo com a transcrição feita pela revista: *Negrinha* teve um número de 6 000 tiragens, ficando acima do número de tiragens de *Ideias de Jeca Tatu*, com 4 000, e *Narizinho Arrebitado*, com 5 000; fica abaixo de *Urupês*, com 8 000 tiragens, sendo esta última tiragem considerada “excepcional” pelo jornalista citado por Wilson Martins. Comparando com as tiragens citadas, *Negrinha* ficou apenas abaixo de *Urupês*, o que o faz um livro com um número considerado alto de tiragens.

A partir de uma descrição de *Negrinha* pode-se fazer uma comparação com o negro de *O Choque*:

[...] era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados [...] Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam.

Em uma primeira análise física, a *Negrinha* do conto torna-se parecida com o negro dos Estados Unidos descrito por Lobato, quando a metáfora “barata descascada”³⁰, usada por Ayrton em *O Choque* referindo-se à pele dos negros após o “esbranquiçamento” – e também a sua própria pele -, é utilizada também para descrever *Negrinha*. Em outras palavras, apesar de *Negrinha* não ter utilizado um meio artificial de “esbranquiçamento” como o do romance, ela sofreu um meio natural de mudanças, tornando-se “mulatinha escura” e fazendo parte do processo de miscigenação brasileira. Tanto no conto quanto no romance, portanto, a visão física do negro é semelhante: o afro-estadunidense do romance, após ser “esbranquiçado”, fica como a *Negrinha* miscigenada.

Em outro aspecto do romance e do conto é perceptível que Lobato faz o mesmo jogo entre o branco e o negro. Se no romance o autor usa o adjetivo “anjo”³¹ para descrever Miss Jane em detrimento ao que não era eugenicamente aceitável e a coloca como filha de um deus - descrição atribuída a Benson -, no conto percebe-se elementos celestiais iguais quando as sobrinhas de Dona Inácia são descritas – em detrimento de *Negrinha*, que é apenas referida como a cor de sua pele: “mulatinha escura”. A

²⁹ MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. VI., p. 211

³⁰ LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. Ed. brasiliense, 13ª edição, p. 81

³¹ LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. Ed. brasiliense, 13ª edição, p. 47 e p. 71

associação do branco ao que é divino e bom é uma característica comum percebida nos dois enredos:

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas [...] Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novo.

Apesar das semelhanças citadas anteriormente entre o conto e o romance, existe uma diferença consistente entre eles também em relação à representação do negro. Em *Negrinha* há uma personagem principal trabalhada do ponto de vista psicológico: Negrinha é dotada de sentimentos, emoção e alma de criança. Sua humanização é perceptível e revela uma personagem vítima da escravidão. Negrinha torna-se consciente sobre a vida no momento em que percebe sua existência e reconhece sua humanidade ao tocar em brinquedos novos:

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Em *O Choque*, no entanto, Lobato retrata a figura do negro sob o ângulo da eugenia e superioridade racial, destoando do negro em *Negrinha*. Somando a esses fatores, Lobato também reconhece em *Negrinha* a pluralidade das pessoas em suas cores - atributo da miscigenação - e condição econômica: “Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo”. Lobato aproveita para mostrar as condições terríveis em que Negrinha vivia, não deixando de reconhecer a “dura lição da desigualdade humana” e, por consequência, a realidade que separa ricos e pobres:

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?”

Ao final do conto, após o despertar de Negrinha para a vida, as sobrinhas de Dona Inácia se vão com os brinquedos e o que há de mais moderno na cultura branca. O choque de Negrinha foi tão intenso que ela não aguentaria mais uma vida como a de antes, e acaba morrendo de tristeza: “A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...”, mas sem deixar de morrer pensando nas bonecas brancas:

O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Aparentemente Lobato apresentou ideias divergentes em relação ao negro nos textos analisados. Diante disso, surgem algumas questões apresentadas no começo desse capítulo que necessitam de uma análise mais apurada; por exemplo, como conciliar essas duas visões sobre o negro encontradas em textos escritos na mesma década pelo autor? Por um lado, tem-se a figura de Negrinha, vítima da escravidão, negra, maltratada, explorada e presente em um conto em que o autor utiliza artifícios para comover o leitor; já o negro em *O Choque*, escrito poucos anos depois, não é vítima, mas uma raça a ser exterminada pelo bem da nação para que a eugenia prevaleça.

Antes de tudo é preciso considerar reflexões importantes para que Lobato não caia em julgamentos morais precipitados. Uma primeira reflexão parte de *Negrinha*: a princípio, pode-se afirmar que Lobato não necessariamente projetou ideais a favor dos negros no conto, mesmo com o reconhecimento por parte do autor da “desigualdade humana” e outras injustiças cometidas contra *Negrinha*; o que se pode inferir em um primeiro momento é a vontade do autor em expor o contexto histórico social que Negrinha fazia parte àquela época. Mas, sabendo que a literatura não é algo passível de neutralidade e que possui um discurso, é inegável que o conto é dotado de uma grande carga política e não conformista, como se pode observar no trecho irônico: “Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo [...] Ótima, a dona Inácia”. Para completar, existe um trecho em *História do mundo para as crianças*³², de Lobato, em que Dona Benta resolve contar a história do mundo para as crianças do sítio; um dos personagens retifica as ideias apresentadas em *Negrinha* quando censura a escravidão:

³² O título original da primeira edição era *História do mundo para as crianças* e, mais tarde, passou a ser editado como *Historia do mundo para crianças* pela editora Brasiliense.

“Aqui no Brasil tínhamos também esse cancro da escravidão - e para a vergonha nossa fomos o último país do mundo a acabar com ela”³³. Ocorre também que o livro do trecho citado foi escrito depois de *Negrinha* e *O Choque*, com data da primeira edição em 1933; essa relação temporal que expõe as ideias de Lobato será melhor analisada nos próximos parágrafos, a partir da exposição de outros trechos.

Partindo para uma análise de *O Choque* com base no questionamento feito no penúltimo parágrafo, é perceptível que o caso analisado em *Negrinha* destoa do romance. De forma bastante clara o romance se posicionou a favor da eugenia, o que não significa, de início, que Lobato fosse eugênico. Entretanto, analisando os estudos do capítulo II e os textos não literários da *Revista do Brasil* apresentados, Lobato mostra-se empolgante em propagar a ciência eugênica da década de 20. Em carta ao amigo Renato Kehl, médico e um dos mais importantes eugenistas da época, Lobato escreve: “Renato, Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu Choque, grito de guerra pró-eugenia (...) Precisamos lançar, vulgarizar estas idéias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda. É como a vinha.”³⁴. Nesse ponto, entende-se que Lobato teve intenções claras em relação à eugenia, além de apoiá-la em parte considerável de sua vida.

Talvez Lobato tenha mudado de ideia sobre o negro no período intermitente entre *Negrinha* e *O Choque*; mas, supor que ele apenas mudou de ideia é uma reflexão pouco aprofundada. Uma provável resposta é que de fato ele tenha sido contraditório, ao menos para a visão do mundo contemporâneo. Apesar de Lobato ser contrário à escravidão, reconhecer o negro em sua história e ter empatia por *Negrinha* e, conseqüentemente, por todos os negros na mesma situação, Lobato chegou a pensar em determinado momento que a melhor solução tanto para os negros quanto para os brancos era extinguir os negros. Por isso acreditava fortemente na ideia de que a discriminação racial só acabaria de fato quando as “raças” se igualassem em cor, como ele mesmo propôs em *O Choque*. Na época, ele acreditava que a eugenia seria a salvação para tudo, então por que não a salvação para a desigualdade entre as “raças”? No trecho seguinte, retirado do livro *Memórias de Emília* e escrito no ano de 1936, percebe-se com clareza a relação de dualidade que Lobato nutria pelos negros quando Emília se refere a Tia Anastácia:

³³ História do mundo para crianças. Editora Brasiliense, 7ª edição, 1979, p. 125.

³⁴ DIWAN, Pietra: Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007

*Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos – mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que seus afamados bolinhos. Só não compreendo por que Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão. É verdade que as jabuticabas, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que a tal cor preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo. Lá em cima não há essas diferenças de cor. Se houvesse, como haveria de ser preta a jabuticaba, que para mim é a rainha das frutas?*³⁵

Em outro trecho, em carta a Godofredo Rangel em junho de 1909, essa relação conflituosa também se torna clara: “Será como os de Kipling – com paisagem, árvores, céu, passarinhos, negros... Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragédias biológicas. Ser pigmentado, como é tremendo!”³⁶.

A eugenia na década de 20 era parte da ciência da época, não apenas Lobato apoiou, mas muitos estudiosos abordavam o tema com naturalidade; a população, de modo generalizado, também assimilava a eugenia como algo trivial. Além disso, Lobato focou-se em tantas coisas em tão pouco tempo e tentou juntar tantos temas aparentemente que se chocavam - além de uma lista extensa e produtiva de negócios fora do ramo da escrita-, que sua vida era no mínimo curiosa para os padrões do século XXI. Para Marisa Lajolo, Lobato

*[...] parece ter percorrido quase todas as posições ideológicas disponíveis em seu tempo. No tempo de "Zé Brasil" ele se dizia socialista e mostrava-se solidário com Luís Carlos Prestes, a quem enviara uma saudação gravada por ocasião do comício comunista de julho de 1945, no estádio do Pacaembu. Na ziguezagueante trajetória ideológica de Lobato houve lugar até para Perón, a quem homenageou com o livro A Nova Argentina, escrito durante o período em que morou em Buenos Aires, em 1946.*³⁷

Convém ressaltar um ponto importante a partir do trecho de Lajolo: apesar de Lobato parecer “ter percorrido quase todas as posições ideológicas disponíveis em seu tempo”, teria Lobato também mudado de forma considerável suas posições ideológicas quando o assunto é a visão do negro em seus romances? Na verdade, essa visão específica parece ter se mantido relativamente estável nas ideias de Lobato ao longo dos anos. Lobato não

³⁵ Memórias de Emília, p. 129

³⁶ A Barca de Gleyre, Vol. I, p. 244

³⁷ LAJOLO, 1983, p. 101

mudou de ideia repentinamente quando escreveu *O Choque*: apenas tentou encaixar uma solução - seguindo os moldes do que ele já acreditava em anos anteriores - de modo que essa solução se aliasse ao debate eugênico do momento, que estava a todo vapor no Brasil. Então, Lobato parece ter juntado as ideias que ele já cria e tentado esmiuçá-las em uma solução no romance *O Choque*, de forma que fosse compatível com o momento. Para Lobato, isso não foi contraditório, mas um momento transitório que não revelava nada mais do que o fruto da junção de suas raízes anteriores. Tal argumento é compatível a partir da análise das datas dos trechos analisados: na carta a Rangel, de 1909, em seguida *Negrinha*, de 1920, logo depois *O Choque*, de 1926, também o trecho que condena a escravidão no Brasil em *História do mundo para as crianças*, do ano de 1933 e, por fim, o trecho em que Emília se refere a tia Anastácia, de 1936, em *Memórias de Emília*. A linha de pensamento do autor continuou correspondente, especialmente quando se compara o trecho de 1909 de uma sincera carta a Rangel e o trecho literário de 1936, quando Emília confessa seus sentimentos sobre a tia Anastácia: parecem ter sido escritos na mesma época, mas possuem uma diferença de estrondosos 27 anos. De certa forma, a perenidade de seus pensamentos salta mais quando se analisa esses trechos juntamente e fica mais claro que *O Choque* não era algo “a parte” nessa história, mas uma tentativa de Lobato de se adequar à ciência eugênica em que acreditava na época, ou ao pensamento dominante.

Apesar de o tema da eugenia ser recorrente na época, Lobato não ficou impune socialmente quando propôs seu “belo crime” no romance *O Choque*; quando o escreveu, esperava lançá-lo sobretudo nos Estados Unidos e mantinha a esperança de ganhar uma quantidade considerável de dinheiro nas vendas. Porém, o livro não foi aceito no país pelas editoras. O motivo da rejeição é explicado em uma carta de Lobato ao amigo Rangel:

*Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue-frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão tarde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros.*³⁸

³⁸ A Barca de Gleyre

Não surpreende que um país que aboliu a escravidão 25 anos antes do Brasil achasse o romance de Lobato no mínimo um retrocesso moral para o seu povo. O país a que tanto Lobato confiou e propagou como o mais moderno e um exemplo a ser seguido, no final rejeitou a sua ideia. Diante disso, é também comum que houvesse opositores à corrente eugênica no Brasil, como citado no capítulo II. Lobato também sofreu oposição direta quando criou o personagem Jeca Tatu. No conto A Botija, de Alberto Deodato, ocorre uma defesa do que o Jeca Tatu representa:

Sr. Lobato: não ridicularize assim a nossa gente, o brasileiro que levou o Brasil pela Amazônia a dentro, que plantou as bandeiras nos sertões bravios de sua terra; que faz a derrubada nas grandes empresas que honram a nossa engenharia; quem primeiro, por aptidões físicas inigualáveis, entra pelos charcos e pelas caatingas, desbrava e saneia, e forma o habitat para o estrangeiro, suave e nababescamente se instalar...

*Justiça, Sr. Lobato*³⁹

No final, nas palavras de Wilson Martins, o conto “Termina afirmando que Lobato não era melhor do que o Jeca, a única diferença sendo que vivia no seu luxuoso escritório, fumando enormes charutos”⁴⁰. O trecho de A Botija parece fazer alusão ao Jeca que Lobato criou no começo, que era mais visto como um “parasita” responsável pela sua própria infelicidade; em seguida, com campanhas sanitaristas mais fortes e reconhecidas por Lobato, o Jeca torna-se alguém não mais culpado e capaz de mudanças com as novas noções de higiene, dando esperança e incentivo para que um novo brasileiro surgisse.

Entendendo *Negrinha* e *O Choque* em todas as suas diferenças e semelhanças, não é possível afirmar que Lobato foi “x” ou “y”. Percebe-se, sim, alguns fatores mais claros como o autor ser contra a escravidão e também ser eugenista; cabe analisar quando e por que esses fatores eram mais evidentes, sempre vistos dentro de um contexto e levando em consideração o momento transitório pelo qual passava Lobato.

³⁹ O conto *A Botija* faz parte do livro *Senzalas (1919)*, de mesmo autor.

⁴⁰ Wilson Martins, p. 153

Considerações Finais

A partir do estudo realizado é perceptível o quão importante é primeiro embasar a vida e ideia do autor fora da literatura, para então prender-se a aspectos dentro do romance. O primeiro capítulo, que basicamente explora a *Revista do Brasil*, muito contribuiu para que a imagem de Lobato fosse edificada em bases mais sólidas e colocasse o leitor dentro da época do autor, para que o mesmo assimilasse a cultura e o momento pelo qual o próprio autor passava no período próximo ao romance analisado posteriormente. O segundo capítulo não se resume apenas a uma análise do romance *O Choque*, mas continua mantendo o aspecto de pesquisa de documentação histórica, para que assim documentação histórica e literatura se complementem; por isso, fez-se a prévia análise de três edições diferentes do romance, na esperança de encontrar chaves de leitura para que autor e romance fossem melhor compreendidos. O terceiro capítulo não poderia existir sem uma análise apurada de *O Choque* antes; para a surpresa de alguns, *Negrinha*, um conto antirracista e bastante respeitado no meio acadêmico, havia sido escrito antes de *O Choque*, tornando a análise mais delicada de um ponto de vista temporal, pois o senso comum espera que *Negrinha* tenha sido escrito após *O Choque* e Lobato tenha “reavido” suas ideias, o que tornaria algumas contradições mais fáceis de serem compreendidas.

Partindo para outras considerações, as acusações de racismo contra as obras de Lobato também não podem deixar de ser citadas. Quem não se lembra do caso *Caçadas de Pedrinho*? Tudo começou quando o CNE (Conselho Nacional de Educação), a partir de uma denúncia recebida do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara), chegou a recomendar ao MEC que deixasse de adotar *Caçadas de Pedrinho* nas escolas públicas. Após esse ocorrido, recentemente⁴¹ o livro *Negrinha* também foi vítima de censura: o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara) envia documento à Controladoria Geral da União (CGU) requisitando que o livro deixasse de integrar o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNEB), que distribui livros a bibliotecas escolares no país⁴². O diretor do Iara, Humberto Adami, alegava que "Todo dia ela [negrinha] apanhava. Você tem sucessivas retratações do personagem com espancamentos diários e sem explicar que aquilo você não pode fazer"⁴³ e reitera que o

⁴¹ Setembro de 2012

⁴² Fonte: site G1 Educação

⁴³ G1 Educação

PNBE diz que não pode haver obras didáticas financiadas com o dinheiro público que contenham preconceito ou estereótipo. O que ocorre é que não necessariamente o Iara queria que o livro saísse de circulação, mas reconhecia falhas na nota explicativa da editora Globo para *Negrinha* quando afirma não haver racismo na obra de Monteiro Lobato; o diretor do Iara reafirma que a obra “tem que circular com o esclarecimento para desconstruir o racismo” e que essa nota daria suporte aos professores para que estejam preparados para lidar com os alunos quando abordarem relações étnico-raciais dentro de sala de aula.

É certo que *Caçadas de Pedrinho* pode render algumas acusações a Lobato, como ocorreu; porém, quando o leitor se depara com o conto *Negrinha* fica difícil acreditar que alguém o tenha acusado de racismo; o conto por si só já gera revolta em quem lê, que sente condolências por Negrinha. Segundo o Iara, passagens como “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados” contém elementos racistas. Porém, pegar palavras soltas em um conto e acusá-lo de algo soa como algo duvidoso; o leitor, em sua capacidade de discernimento, ao ler o conto inteiro saberá que Lobato estava ao lado de Negrinha e que a escravidão foi uma injustiça tremenda e vazia de direitos humanos. Não é necessária uma nota explicativa no conto caracterizando-o como algo que necessita de rédeas para ser lido; é esse o maior legado da literatura, deixar o leitor livre no caminho de suas próprias conclusões, como sempre ocorreu, e continuar formando exímios leitores, que sabem que a literatura possui essa característica singular de “falar” sobre a história do mundo de uma forma literária e sob diferentes ângulos. O racismo existe, está presente na sociedade e não deve ser naturalizado ou continuar sendo. Confiar na literatura é também confiar que ela é mais capaz de desnaturalizar o racismo na sociedade do que notas de explicação ou de rodapé.

Afinal, quem tem o poder de decidir que livros devem ou não ser utilizados em sala de aula e como deverão ser interpretados? Como lidar com o racismo, com a violência contra mulheres, com a exploração dos animais dentro da literatura? Um romance que “fala” sobre essas violências deveria ser proibido por não deixar claro que tais atitudes são erradas? Começar a colocar notas explicativas em cada livro é o começo para que essa privação se torne ainda maior, até não formarem mais alunos que saibam raciocinar e interpretar um texto. Notas explicativas pressupõem uma relação imediata do autor com sua obra, algo que não se encaixa quando se fala de literatura. Proibir ou colocar notas em um livro por conter conteúdo racista é também coibir uma

discussão em torno do que é realmente o racismo, é manter o silêncio sobre um assunto que deve ser discutido nas escolas e, além de tudo isso, vedar os alunos ao colocá-los como seres incapazes de pensar e criticar um assunto.

A orientação do Iara para que os professores estejam preparados para lidar com essas questões é válida e necessária. O MEC deixa claro ao Iara que o parecer do CNE que “orienta e obriga o professor a contextualizar em sala de aula todas as obras de valor histórico e literário”, é o suficiente e, portanto, notas explicativas se fazem desnecessárias. Porém, concordando com o Iara, para a infelicidade do MEC e mais ainda para a educação brasileira, os professores, em sua maioria, não têm competência para lidar com a questão do racismo presente na obra de Lobato em sala de aula. Não se resolve esse problema de raízes tão profundas colocando notas explicativas que a princípio “ajudam” o professor e desvirtuam o objetivo da literatura, que é não precisar de notas, e nem com um simples parecer do CNE que “orienta e obriga” o professor a contextualizar os livros; esse é um problema antigo, que só terá mudanças profundas com uma verdadeira mudança na qualidade do ensino dos professores e, por que não, dos alunos. Se houvesse uma maior preparação para lidar com esses assuntos considerados delicados, um debate enriquecedor poderia ser gerado a partir da leitura dos livros de Lobato, estimulando os alunos a pensarem sozinhos sobre as intenções do autor ao abordar o racismo em suas obras.

Monteiro Lobato foi um escritor incrível, memorável e que merece destaque nas escolas; deixou um legado importantíssimo para todas as gerações posteriores e estabilizou-se como um escritor consagrado no Brasil. Seu desejo e energia de mudar o Brasil eram genuínos e foi isso que o fez ser uma figura importante para a construção da identidade brasileira. Entender Lobato e suas obras é também entender o momento histórico de sua época de uma forma agradável; cabe ao povo brasileiro continuar prestigiando-o e aproveitar com sabedoria as excelentes obras que deixou.

Bibliografia

- LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. Editora brasiliense, 13ª edição, 1979.
- LOBATO, Monteiro. *A Onda Verde e O Presidente Negro*. Editora Brasiliense, v. 5 da 1ª edição, São Paulo, 1948.
- LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. Editora Globo, 2008.
- LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Editora LTD, vol. VI (1915 – 1933), 2ª. ed., 1995.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 28.
- BARRETO, L.P. *Eugenia*. Revista do Brasil, v.VII, p.415, março, 1918.
- LUCAS, Prosper. *Traitéphilosophiqueetphysiologique de l'hériténaturelle*. Tome Second. Paris: Libraire de l'AcadémieNationale de Médecine, 1850.
- DARWIN, C. *A origem das espécies e a seleção natural*. Tradução E. N. Fonseca. Curitiba: Ed. Hemus/Novo Século, 2000 [1859]
- VENANCIO, Giselle Martins. *Da Revista do Brasil ao Brasil em Revista: breve análise da trajetória editorial de Oliveira Vianna*. Universidade Estadual do Ceará, janeiro, 2002.
- SCHMIDT, Fred. G. *Nacionalismo*. Revista do Brasil, v. IV, janeiro – abril, 1917.
- SCHMIDT, Fred. G. *Assimilação do Imigrante*. Revista do Brasil, São Paulo v. II, maio - agosto, 1916.
- KEHL, Renato. *O Casamento Consanguíneo em Face da Eugenia*. Revista do Brasil, São Paulo, v.XI, junho, 1919
- KEHL, Renato. *Como escolher um bom marido?*.Revista do Brasil, São Paulo, v. XXIII, agosto, 1923.

LOBATO, Monteiro. *O Saneamento do Brasil*. Revista do Brasil, São Paulo, v. VII, janeiro – março, 1918.

PENNA, Belisario. *Pequenos Cuidados Hygienicos*. Revista do Brasil, São Paulo, v. IX, set. 1918.

A barca de Gleyre. Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo, editora Brasiliense, 1959. Literatura Geral. Obras Completas, XXII, Vol. I e II.

LAET, Carlos. *Raça Infeliz*. Revista do Brasil, v. IX, set., 1918.

ALMEIDA, Miguel. *A Selecção Humana*. Revista do Brasil, v. XV, set., 1920.

LUIZI, Paulina. *A Raça Humana*. Revista do Brasil, v. III, set., 1916.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Editora Brasiliense, 7º edição, 1956.

RODRIGUES, Marília. *Medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola*. Revista de História Regional 14(2): 29-52, Inverno, 2009.

DIWAN, Pietra: *Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007

LOBATO, Monteiro. *História do mundo para as crianças*. Cia Editora Nacional – S. Paulo, 1ª Ed., 1933.

LOBATO, Monteiro. *História do mundo para crianças*. Editora Brasiliense, 7º Ed., 1979.

LAJOLO, Marisa. *O Jeca em três tempos*, in SCHWARZ, Roberto (org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*, Brasiliense, 1983.

LOBATO, Monteiro. *Memórias de Emilia*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936.

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/mais-uma-obra-de-monteiro-lobato-e-questionada-por-suposto-racismo.html>